



**Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão  
(Uma história de acusações de sensacionalismo, suborno,  
invenção de notícias e relações promíscuas com fontes e anunciantes)<sup>1</sup>**

Mauricio José Stycer  
(Mestrando em Sociologia na Universidade de São Paulo)<sup>2</sup>

**Resumo**

A prática do jornalismo esportivo brasileiro é marcada pela recorrência de alguns graves problemas, apontados por expoentes da área, desde meados do século XX até o início do século XXI. Por meio dos textos de Thomaz Mazzoni, João Saldanha e Juca Kfoury, entre outros, é possível perceber como esta é uma especialidade sob constante pressão e praticada por jornalistas com pouco prestígio interno em suas publicações.

**Palavras-chave:** imprensa; jornalismo esportivo; sociologia do jornalismo; futebol.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Jornalismo

<sup>2</sup> Jornalista profissional desde 1986. Até novembro de 2006 era redator-chefe da revista *CartaCapital*. Desde 2005, é aluno de mestrado no Programa de Sociologia na FFLCH da USP.



A chegada de um novo diário esportivo às bancas, em 25 de outubro de 1997, alterou de forma significativa a situação deste segmento de mercado. Em poucos meses de vida, o *Lance!* tornou-se o diário esportivo mais popular do país, testemunhou em 2001 o fechamento do seu principal concorrente em São Paulo, *A Gazeta Esportiva*, e viu o seu único concorrente no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*, enfrentar sucessivas tentativas de revigoração, até hoje sem sucesso<sup>3</sup>. Ao completar oito anos de vida, no final de 2005, o *Lance!* comemorava o fato de ser um dos dez jornais mais vendidos em banca no país, com uma circulação diária, média, de 128 mil exemplares.

Com o apoio das Organizações Globo, sócia minoritária do jornal, e de três fundos de investimento (Icatu, Dynamo e Bozano Simonsen), o *Lance!* apresentou-se ao mercado como um empreendimento “moderno” e “profissional” (em oposição à estrutura familiar da maioria das empresas de mídia do país). No discurso de seu fundador, Walter de Mattos Jr., o jornal atribuía-se a tarefa de renovar a forma de gerir negócios de mídia no país bem como de “modernizar” o jornalismo esportivo praticado então na imprensa, considerado “velho” e “ultrapassado”<sup>4</sup>.

Esta comunicação destina-se a verificar qual era, de fato, a situação do jornalismo esportivo e o status dos profissionais que atuavam no meio à época em que o *Lance!* chegou ao mercado. Cumpre advertir que, diferentemente do futebol, que é hoje objeto de investigação em diferentes centros universitários do País e já exhibe uma razoável bibliografia, construída ao longo dos últimos 25 anos, sobre os seus mais variados aspectos, são poucos os estudos dedicados ao jornalismo esportivo, em particular. Cento e doze anos depois da primeira partida de *foot-ball* disputada oficialmente no país<sup>5</sup>, esta especialidade, me parece, ainda não foi estudada de forma proporcional ao espaço que ocupa na imprensa brasileira. Até onde fui capaz de ir com esta pesquisa, travei conhecimento de apenas dois estudos acadêmicos de fôlego que buscam, de alguma forma, entender e tipificar o jornalismo esportivo.

O jornalista Ouhydes João Augusto da Fonseca é autor de um trabalho pioneiro, apresentado em 1981, mas nunca publicado, no qual faz um histórico do desenvolvimento da especialidade na imprensa brasileira, apresenta depoimentos e

---

<sup>3</sup> Em fevereiro de 2007, o *Jornal dos Sports* declarava uma circulação de 15 mil exemplares/dia. “Heróis da resistência”, *Meio & mensagem*, Especial Marketing Esportivo, 26 de fevereiro de 2007, pág. 25.

<sup>4</sup> Trabalhei no *Lance!* desde o início do projeto, em agosto de 1997, até abril de 1998. Esta experiência ajudou a embasar a minha dissertação de mestrado, *História do Lance! – Projeto e prática de jornalismo esportivo*, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 3 de agosto de 2007.

<sup>5</sup> São Paulo Railway versus Cia. de Gás, disputado em 14 de abril de 1895.



dados que explicitam as dificuldades iniciais dos profissionais da área e denuncia, como veremos, problemas éticos envolvidos na prática profissional<sup>6</sup>. As profundas mudanças que ocorreram no mercado desde a realização da dissertação tornam o trabalho de Fonseca, porém, insuficiente para explicar as atuais peculiaridades do campo.

O antropólogo Luiz Henrique de Toledo é autor de um estudo mais atual, ainda que não dedicado exclusivamente ao jornalismo esportivo, no qual propõe um modelo de análise dos diversos significados culturais do futebol, a partir de três realidades dentro do campo esportivo, vividas por aqueles que ele chama de *profissionais* (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos etc), *especialistas* (“a crônica esportiva”) e *torcedores*<sup>7</sup>. Toledo subdivide a “fala especialista” em três perspectivas: a que se legitima por um discurso emocional, afinado com o domínio do torcedor, a que se dedica às polêmicas estritamente técnicas (normalmente vocalizadas por ex-jogadores que se tornaram “comentaristas”) e a que enfatiza os aspectos políticos do futebol. Ao fazer um histórico da atuação dos *especialistas* no campo, o antropólogo expõe algumas clivagens que opuseram essas diferentes perspectivas, em particular a questão do clubismo e do bairrismo, que coloca o *especialista* diante do dilema de ser objetivo e equidistante ou dar vazão à emoção. E, ainda que também trate de sérios problemas éticos envolvidos na prática profissional, como a ligação de jornalistas em negociações de jogadores, a ênfase do pesquisador em sua “jornada esportiva” parece ser mostrar como a “dimensão da emoção (...) consiste num plano simbólico estruturante que permeia as relações entre os atores combinados, ao qual estão sujeitos os próprios especialistas”<sup>8</sup>.

Além do estudo de Toledo, também é necessário mencionar a recente comunicação do professor de jornalismo José Carlos Marques, apresentada na Intercom, sobre o estigma relacionado à prática do jornalismo esportivo, que nos ajuda a compreender alguns dos problemas da especialidade<sup>9</sup>. Por fim, vale citar três obras recentes que sinalizam um interesse do mercado editorial de livros para-didáticos pelo jornalismo esportivo. São textos escritos por jornalistas com reconhecida atuação no meio, destinados a estudantes universitários. Embora não aprofundem a discussão, são

---

<sup>6</sup> O. Fonseca. *O “cartola” e o jornalista: Influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo*, dissertação de mestrado, apresentada ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, 1981.

<sup>7</sup> L.H. Toledo. *Lógicas no futebol*, pág. 15.

<sup>8</sup> Idem, pág. 174.

<sup>9</sup> J.C. Marques. *O estigma de ser jornalista esportivo*. Apresentada ao XXVI Congresso Brasileiro da Intercom, Belo Horizonte, 2003.



valiosos por mostrar como o profissional “de dentro” enxerga o próprio trabalho. É o caso de Paulo Vinicius Coelho, autor de um dos volumes, que trabalhou na primeira equipe do *Lance!*, bem como na revista *Placar* e no canal especializado em esportes ESPN<sup>10</sup>, e também de Mauro Beting, Elias Awad, José Eduardo de Carvalho e Denise Mirás, co-autores de outro, que são conhecidos jornalistas esportivos em atividade em diferentes veículos no meio<sup>11</sup>. Igualmente, a experiência de Patrícia Rangel na área ajudou a redigir um volume explicitamente paradidático, que se propõe a ser um manual para candidatos ao *métier*<sup>12</sup>.

O jornalismo esportivo, como se sabe, se desenvolveu no Brasil concomitantemente à popularização do futebol. Desde o início, foi uma especialidade menos relevante dentro do jornalismo, nitidamente subalterna em relação ao jornalismo político, por exemplo, e atraía profissionais com menos habilidades e ambições que os redatores políticos e/ou literários. No depoimento de Adriano Neiva (1907-1990), jornalista esportivo e historiador, conhecido como De Vaney, vislumbra-se a situação desse profissional no início do século XX:

As funções não eram fixas nem, muito menos, compensadoramente remuneradas. A maioria dos “cronistas” trabalhava de graça, só para ter o ensejo de escrever em jornal, já que essa era a sua inclinação, e para poder, principalmente, defender o seu clube, porque, naquele tempo, tal como hoje, o “cronista” tinha seu clube preferido, com a diferença de que, antes, àquela época, ninguém fazia segredo disso. Pelo contrário: eram comuns os escudos à lapela dos “cronistas” e indispensável a sua presença nas comemorações dos triunfos. O redator profissional, mas que fazia da imprensa um simples “bico”, tanto podia ser “cronista” de esportes no domingo, como redator policial na segunda-feira, crítico teatral na terça, repórter de rua na quarta, observador político na quinta ou – o que não era raro – tudo isso ao mesmo tempo... Não havia especialização<sup>13</sup>.

A comprovar o que escreveu Ruy Castro sobre o trabalho dos repórteres esportivos no Rio de Janeiro em 1927 (“Não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome”<sup>14</sup>), De Vaney se recorda que os jornalistas de esporte não recebiam salários regulares, mas viviam à base

---

<sup>10</sup> P.V. Coelho. *Jornalismo esportivo*.

<sup>11</sup> S. Vilas Boas (org.). *Formação & informação esportiva*.

<sup>12</sup> H. Barbeiro & P. Rangel. *Manual do jornalismo esportivo*.

<sup>13</sup> Adriano Neiva, “Escrevendo uma história”, em *60 anos de futebol no Brasil*, FPF, São Paulo, 1954, pág. 66, *apud* Milton Pedrosa, “A crônica esportiva e o cronista de futebol”, in *O olho na bola*, Rio de Janeiro, Gol, 1968, pg. 9. Neiva usa o termo “cronista” para designar, genericamente, o jornalista esportivo. É uma forma antiga, em desuso, mas ainda evocada. A principal associação de jornalistas esportivos de São Paulo, fundada em 1941, por exemplo, mantém até hoje o seu nome original, Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo.

<sup>14</sup> R. Castro. *O anjo pornográfico*, pág. 114.



de vales. “A maneira de pagá-los tinha um quê de burlesco e muito de humilhação: o vale, esse vale que foi o vale de lágrimas de duas gerações de jornalistas”<sup>15</sup>.

Mais do que De Vaney, será um seu contemporâneo, o imigrante italiano Thomaz Mazzoni (1900-1970), que apontará os principais problemas da prática do jornalismo esportivo no período. No comando da *Gazeta Esportiva* por dez anos a partir de 1930, e também como colunista, ajudou a dar uma cara ao jornal e influenciou os debates que ocorriam no mundo esportivo por algumas décadas. Ao longo da carreira, publicou duas dezenas de livros, dois dos quais se tornaram referência em grande parte dos estudos sobre futebol: *Problemas e aspectos do nosso futebol*, de 1939, e *História do futebol brasileiro*, de 1950.

Nas críticas que fará aos colegas, Mazzoni responsabiliza a imprensa pelo estímulo ao bairrismo e pelo acirramento da competição entre cariocas e paulistas nas primeiras décadas do século passado. Os jornalistas, escreve ele, são culpados não só pelo mau comportamento dos torcedores, mas também dos jogadores:

Se essa imprensa foge de sua verdadeira missão, se é escandalosa e perniciosamente, envenena o ambiente: os jogadores vão a campo mal-intencionados, os ‘torcedores’ ficam de prevenção contra tudo que não seja do seu lado. (...) Maior é essa nobre missão quando se trata de futebol interestadual, porque este tem por finalidade fazer conhecer-se, unir e querer bem os brasileiros, das diferentes regiões<sup>16</sup>.

Numa evidência do incômodo que lhe causava os exageros no noticiário esportivo, Mazzoni também ataca o “sensacionalismo” da imprensa no prefácio do livro que publicou sobre a Copa do Mundo de 1938.

Previno os leitores que não me animei a publicar este livro com o intuito de explorar o sensacionalismo, gênero esse, infelizmente, de jornalismo esportivo muito em voga em certa imprensa que de outro modo não teria público e que, no entanto, muito mal faz ao esporte<sup>17</sup>.

Em outro texto, também da década de 30, Mazzoni acusa os colegas de inventarem entrevistas com jogadores, no esforço de promover e valorizar o noticiário. Sem meias palavras, mas omitindo os nomes dos responsáveis, Mazzoni atribui a alguns repórteres a violação inescrupulosa da regra mais fundamental do jornalismo:

Na maioria das vezes é o entrevistador quem ‘inventa’ as declarações, e não o entrevistado... No Rio, chegou-se ao cúmulo dos repórteres cumprimentarem um jogador na rua e, no outro dia, publicar uma sua entrevista!<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> A. Neiva, op. cit.

<sup>16</sup> T. Mazzoni. “A boa imprensa e o combate à indisciplina”, in *Problemas e aspectos do nosso futebol*, págs. 31-32.

<sup>17</sup> T. Mazzoni. “Duas palavras”, in *O Brasil na Taça do Mundo*, pág. 7.

<sup>18</sup> T. Mazzoni. “A degeneração da entrevista aos jornais”, in *Problemas e aspectos do nosso futebol*, págs. 195-198.

Os textos de Adriano Neiva e Thomaz Mazzoni nos permitem visualizar o jornalismo esportivo praticado nas décadas de 20 e 30 como uma tarefa de profissionais despreparados, mal remunerados e alheios a padrões éticos que, então, já eram valorizados, em particular a fidelidade à verdade factual e a sobriedade na forma de descrever os fatos. Não é possível esquecer, porém, o ambiente geral da imprensa no qual este jornalismo esportivo está inserido. Como mostra Nelson Werneck Sodré, os periódicos da época faziam proselitismo político em troca de favores variados, a dependência de verbas governamentais levava o noticiário político a pender explicitamente para um lado em detrimento de outros, não raro de forma exagerada e “sensacionalista”, e a falta de transparência quanto à propriedade dos meios de comunicação dificultava compreender os interesses por trás da opinião dos jornais<sup>19</sup>.

A partir da década de 40 e ao longo dos anos 50 e 60, período em que *A Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* se tornam referência em termos de jornalismo esportivo, a imprensa brasileira viverá uma de suas mais notáveis transformações técnicas. Os jornais mais importantes vão incorporar o modelo consagrado, meio século antes, pelos jornais de prestígio nos Estados Unidos. Dois valores formam a espinha dorsal desse modelo: liberdade de imprensa e objetividade. Por trás do primeiro está a idéia de que uma imprensa livre é a garantia de uma sociedade democrática – e os jornalistas, sempre em busca da verdade, são os cães de guarda desse valor. O segundo, a idéia de que só o registro mais factual possível da realidade, livre de opiniões, permite ao cidadão fazer escolhas livremente<sup>20</sup>.

As mudanças ocorridas na imprensa na segunda metade do século XX levarão, por consequência, a uma reconfiguração das posições no subcampo do jornalismo esportivo. No caso dos jornais de prestígio, que se tornam mais sóbrios, o espaço dedicado à cobertura esportiva aumentou, a partir dos anos 60, chegando a conquistar, em alguns jornais, uma certa autonomia, em forma de cadernos próprios. A divisão do trabalho, dentro de um grande jornal, também se tornou mais nítida. As “seções” passam a ser chamadas de “editorias”. O termo “cronista” como forma de designar todos os jornalistas da categoria cede espaço a termos mais específicos. A editoria de esportes de um grande jornal chega a contar com 20 profissionais, entre repórteres, redatores, assistentes de edição e o editor.

---

<sup>19</sup> Ver N.W. Sodré. *História da imprensa no Brasil*.

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, C.E.L. da Silva. *O adiantado da hora – A influência americana sobre o jornalismo brasileiro*.

Todos esses profissionais estão envolvidos exclusivamente no trabalho de trazer e publicar informações. Não têm nenhuma relação com o ofício de opinar. Os textos opinativos são publicados com distinção gráfica bem evidente, para caracterizá-los como diferentes dos textos informativos. A responsabilidade por estes textos opinativos sempre coube a profissionais mais experientes, os chamados “colunistas”, que muitas vezes nem trabalham na redação. Todos os jornais mantêm um ou mais colunistas de esportes. Como descreve Toledo, a esses especialistas é permitido extravasar emoções, torcer, se quiserem, criticar e, também, informar<sup>21</sup>.

Algumas nuances marcam a trajetória das seções de esporte dos jornais de prestígio. Uma parte dessas publicações, segundo o jornalista José Eduardo de Carvalho, buscou harmonizar, a partir dos anos 70, a lógica da objetividade com um esforço de “humanização” do noticiário, de forma a incorporar aspectos menos óbvios do espetáculo<sup>22</sup>. Na década de 80, na esteira das transformações ocorridas em função dos maiores investimentos relacionados ao mundo do esporte, prossegue Carvalho, muitos jornais incorporaram o discurso econômico, passando a dar destaque ao chamado “PIB do esporte”<sup>23</sup>.

A *Folha de S.Paulo* iria ocupar um lugar particular no campo, a partir dos anos 80, por meio de duas ações paralelas: a paulatina substituição dos seus veteranos jornalistas por quadros bem mais jovens, recém-saídos da universidade, e a utilização intensiva das estatísticas como ferramenta na explicação dos resultados esportivos. Em 1997, ao apresentar um livro escrito pelos repórteres esportivos André Fontenelle e Valmir Storti, ambos com 25 anos na ocasião, o jornalista Matinas Suzuki Jr, um dos quadros dirigentes da *Folha*, então, resume as bases desse projeto:

André e Valmir são dois jovens formados pela *Folha* dentro do espírito no novo jornalismo esportivo no qual acreditamos: mais informativo que opinativo, mais baseado em números e estatísticas do que em suposições, mais preocupado com a correção histórica do que com o passionalismo que tanto atrapalha a imprensa esportiva brasileira<sup>24</sup>.

Entre os jornais populares, cuja proposta editorial conflita frequentemente com o discurso da objetividade, as mudanças são menos visíveis em relação ao jornalismo praticado desde a década de 30. As críticas que Mazzoni fazia, no passado, ao

---

<sup>21</sup> Toledo. *Lógicas no futebol*, op. cit. págs. 160-161.

<sup>22</sup> J.E. de Carvalho. “O discurso esportivo”, in *Formação & informação esportiva*, págs. 63-65. O autor cita *Jornal da Tarde* (SP), *Jornal do Brasil* (RJ), *Zero Hora* (RS) e revista *Placar* como veículos que ajudaram o esporte a sair “da cozinha para a sala de estar”. Ver também *Jornalismo esportivo*, pág. 10.

<sup>23</sup> Carvalho. “O discurso esportivo”, op. cit. pág. 66.

<sup>24</sup> A. Fontenelle e V. Storti. *A história do Campeonato Paulista*. O texto citado, sem título, está publicado na orelha do volume.



“sensacionalismo” da imprensa permanecem válidas neste segmento. *Jornal dos Sports* e *Gazeta Esportiva* estão, nos anos 60 e 70, muito mais próximos da prática do jornalismo popular, embora sejam mais comedidos que os jornais *Notícias Populares* e *Diário Popular*, em São Paulo, ou *O Dia*, no Rio, no tratamento “sensacional” dado à notícia.

Há hoje uma nítida distinção, estabelecida pelo mercado profissional e sublinhada por diferenças salariais e pelo status atribuído às diferentes ocupações, entre trabalhar em um jornal de prestígio e um jornal popular. A essa distinção corresponde, naturalmente, uma hierarquização semelhante entre jornalistas de esportes: o repórter de uma publicação dita séria se vê num patamar profissional superior ao de seu colega que trabalha em diários populares<sup>25</sup>. Por outro lado, apesar das mudanças ocorridas nos jornais de prestígio, alguns sinais indicam que o status do jornalista esportivo não melhorou, internamente. Não há, por exemplo, casos conhecidos de jornalistas esportivos que tenham alcançado a direção de qualquer um desses jornais<sup>26</sup>. A posição do jornalista esportivo continua a ser vista de forma inferior relativamente a outras posições dentro do jornal. Na visão de Coelho, o prestígio desses profissionais não mudou significativamente em relação ao retrato traçado por De Vaney, muitas décadas atrás. “Não é na editoria de esportes que se concentram os melhores salários das grandes redações, mas é para ela que seguem os focas, novatos que chegam sedentos de trabalho e de crescimento profissional”, anota ele<sup>27</sup>.

Se nos anos 70, a crítica ao “sensacionalismo” não é mais tão freqüente na cobertura esportiva dos jornais de prestígio, atenuada pela repressão ao “passionalismo” e pelo esforço de objetividade, uma outra acusação, grave, ainda paira sobre a categoria. Ouhydes Fonseca alertava, em 1981, para a existência de corrupção no meio:

Ao tempo em que existiam mais campos de várzea (nos bairros periféricos das grandes cidades), era comum o dirigente esportivo pagar ao redator esportivo pela publicação de matérias sobre seu clube. Essa mentalidade ainda existe, mesmo que sem intenção de corromper o redator. Há poucos anos, quando editor de esportes de *A Tribuna*, de Santos, várias vezes recebi

---

<sup>25</sup> Não há pesquisas a esse respeito no Brasil. Escrevo com base na minha experiência e observação, construída em 20 anos de profissão, dez dos quais na *Folha de S. Paulo*, onde convivi com jornalistas que trabalhavam para outras duas publicações da mesma empresa, ambas populares, *Notícias Populares*, fechado em 2001, e *Folha da Tarde*, hoje *Agora São Paulo*.

<sup>26</sup> Este fenômeno é recorrente também em outros países. Ver *Sport, culture and the media*, de David Rowe. O autor cita pesquisas sobre a ocupação de jornalista esportivo na Austrália, Inglaterra e Estados Unidos, todas com resultados semelhantes em relação à falta de mobilidade e baixa auto-estima dos profissionais especializados em esporte.

<sup>27</sup> Coelho. *Jornalismo esportivo*, op. cit. pág. 27.





ofertas de propina de pessoas que ainda acreditavam que a publicação de uma notícia esportiva dependia de pagamento<sup>28</sup>.

Fonseca chama a atenção para um problema que o jornalista João Saldanha (1917-1990) vai combater a partir da década de 60, a saber, a proximidade exagerada, suspeita até, entre jornalistas e dirigentes esportivos. Um dos mais importantes jornalistas esportivos do País, ao longo de 30 anos de atividade, Saldanha foi um militante em defesa da “modernização” do futebol, chamando a atenção para o despreparo dos dirigentes, o desconhecimento dos técnicos, a ignorância dos atletas e a venalidade de parte da imprensa.

Saldanha nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, filho de Gaspar Saldanha, um rico fazendeiro, que se notabilizou por fazer oposição às oligarquias locais, envolvendo-se ao lado dos maragatos na longa disputa militar contra os chimangos. Segundo a irmã Elza, João e seu irmão Aristides “foram criados vendo aquele clima de revolução em casa (...) Eles abriam os armários e em vez de roupas tinham armas”<sup>29</sup>. Amigo de Oswaldo Aranha, Gaspar Saldanha mudou de lado e apoiou Getúlio Vargas, um chimango, na Revolução de 30. Ao se transferir com a família para o Rio de Janeiro, em 1931, o fazendeiro ganhou de presente de Vargas um cartório de registro de imóveis na zona sul da cidade.

Há muitas lendas em torno da trajetória de João Saldanha. Mesmo seu biógrafo, João Máximo, não tem certeza a respeito da veracidade de inúmeros episódios<sup>30</sup>. Sabe-se que estudou no Colégio Pedro II, um dos melhores do Rio de Janeiro. Em 1935, mesmo ano em que entrou para a Faculdade de Direito, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. No ano seguinte, foi expulso da faculdade por seu envolvimento político. Ainda nos anos 30, começou a sua outra intensa militância – no mundo do futebol. Entre 1939 e 1941, foi jogador, sem brilho, do Botafogo. Em 1948, dirigiu o departamento de futebol do clube. Sabe-se que entre 1949 e 54 viveu na clandestinidade, na seqüência à decretação da ilegalidade do PCB. Entre 1957 e 1960, foi técnico do Botafogo. A partir de 1960, começou a atuar como jornalista, no jornal *Última Hora* e na *Rádio Nacional*.

Para além do prazer que proporcionam, por seu estilo único, em que mescla coloquialidade, contundência, inteligência e bom humor, as crônicas de Saldanha

---

<sup>28</sup> Fonseca. *O “cartola” e o jornalista: Influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo*, op. cit. pág. 50.

<sup>29</sup> Ver “João: ‘A vida é o que a gente pode tirar da vida’”, in Raul Milliet (org.): *Vida que segue. João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*.

<sup>30</sup> Ver J. Máximo. *João Saldanha: Sobre nuvens de fantasia*.

espantam por mostrar a permanência de problemas apontados por Mazzoni 40 anos antes. As menções que faz aos colegas jornalistas, a quem às vezes chama de “enlatados”<sup>31</sup>, ajudam a esquadrihar o terreno ocupado pelo jornalismo esportivo na segunda metade do século XX. Ao comentar, por exemplo, o fracasso da seleção brasileira na Copa de 1966, na Inglaterra, vencida pelo país-sede, o jornalista se surpreende com a permanência de um fenômeno que Mazzoni, em 1939, chamou de “choromania”:

Não duvido que os ingleses tenham armado a coisa para ganhar. Lógico que não iriam fazer para perder. Isso não teria sentido; nem os ingleses nem nenhum dos participantes queria perder. Todos fizeram tudo para ganhar. O que puderam. Claro que os campeões das besteiras fomos nós. Destacadamente. Mas dizer que a Copa foi roubada e que não teve brilho é um choro que pensei já estar superado<sup>32</sup>.

Ainda comentando o insucesso da seleção brasileira em 1966, eliminada na primeira fase da competição, Saldanha iria se referir explicitamente aos jornalistas esportivos, deixando no ar a sugestão que alguns deles não seriam capazes de falar a verdade, pois estariam comprometidos com interesses escusos: “Quem no Brasil não sabe que a causa da nossa derrota foi a presunção e a incompetência? Só os ‘enlatados’. Mas estes, coitados, podem ser compreendidos. Afinal de contas vivem disso”<sup>33</sup>.

Quase 20 anos depois, o jornalista seria mais explícito. Ao falar de sua experiência como técnico da seleção brasileira, entre 1969 e 1970, e da sua posição contrária ao chamado regime de concentração (a prática de isolar os jogadores às vésperas de uma partida), Saldanha expõe o artifício que usou para agradar os atletas e enganar os jornalistas. De passagem, acusa:

Criei um esquema na seleção: todos desciam à noite numa Kombi, deitados no chão, cobertos com uma colcha, para **a imprensa moralista, a que leva grana do cartola, não dedurar**. Tinha um acordo: não podia trocar de mulher na mesma semana. Uma vez o goleiro Ado falhou e tinha de cumprir a pena de suspensão por cinco dias. Ele dizia: “... mas era um avião, seu João, um avião”. Liberei com três dias, afinal era um avião”<sup>34</sup>.

Muito criticado por alguns jornalistas no período em que dirigiu a seleção, Saldanha vai retribuir pintando um retrato cruel de parte da categoria, chamando a atenção para o despreparo e a falta de cultura dos colegas.

Nunca tive qualquer problema (*com a imprensa*). Alguns caras, coleguinhas, faziam perguntas difíceis de responder... Certo dia, eu entrando no Maracanã, um desses me perguntou se eu estava indo ver o jogo. Respondi: “Não, vim visitar o Museu do Índio”. O cara ficou bravo comigo. Outro, quando eu

---

<sup>31</sup> Possível referência ao microfone dos repórteres de rádio e tevê.

<sup>32</sup> J. Saldanha. “Paciência”, *Última Hora*, 8 de agosto de 1966, in *Vida que segue*, op. cit., pág. 66.

<sup>33</sup> Saldanha. “Missa de mês”, *Última Hora*, 22 de agosto de 1968, in *Vida que segue*, op. cit., pág. 37.

<sup>34</sup> Entrevista à revista *Playboy*, 1984, reproduzida em *Vida que segue*, op. cit. pág. 76. O grifo é meu.

estava dentro do campo, perguntou: “Gostou da grama?” E eu: “Espera aí, meu chapa, ainda não provei”. Coisas desse tipo. Alguns ficavam bravos<sup>35</sup>.

No período em que dirigiu a seleção, o jornalista foi responsável não apenas por montar a base da equipe que iria ser campeã em 1970, mas também pela escolha da cidade em que a seleção iria se concentrar antes da Copa, Guanajuato, no México. Demitido meses antes da competição, Saldanha revoltou-se com os comentários dos primeiros jornalistas que chegaram à cidade, junto com o novo técnico da seleção, Zagallo. Criticaram a escolha de Saldanha, classificando Guanajuato como uma cidade feia, sem atrativos, e dizendo que o hotel reservado era de má qualidade. Na ferina resposta do jornalista, a crítica de Mazzoni ao sensacionalismo dos colegas reaparece:

Me desculpem, mas a luta contra a ignorância é um pouco inglória. Contra a safadeza também. Não me importo. Eu topo. Tenho a pretensão de limpar o esporte dos empulhadores da opinião pública, que são muito sujos, e, alguns, muito ignorantes. São daqueles que, ao passar pelo Coliseu, em Roma, diriam: “Que troço feio. Como é que a Prefeitura deixa esta bagunça aí?”. É assim que alguns estão em Guanajuato. (...) Se alguns rapazes da crônica querem se divertir, aconselho de novo, vão para Acapulco, onde está cheio de mulheres, “boites”, roletas e outras coisas. Não organizei no México uma farra, e sim uma concentração. (...) Desafio aos mancheteiros sensacionalistas que publiquem fotografias do hotel-concentração de Guanajuato<sup>36</sup>.

Um outro problema grave, também apontado algumas décadas antes por Mazzoni – o fato de alguns jornalistas esportivos inventarem entrevistas e notícias – reaparece num texto de Saldanha, incluído numa saborosa coletânea em que relata a sua experiência como técnico do Botafogo, em meados dos anos 50<sup>37</sup>. Saldanha conta a história de um radialista que, tendo perdido o desembarque do Botafogo no Galeão, entrevista os jogadores na sede do clube, simulando estar no aeroporto.

Ligando o ventilador bem perto do microfone, continuou: “Estão ouvindo o ronco dos motores do avião? Agora já estão descendo os jogadores. Saltaram Didi, Quarentinha, Amauri, e o treinador João Saldanha, que vêm ao nosso microfone.

Encerrada a entrevista, o radialista se vira para Saldanha e diz:

Papai aqui é bárbaro em sonoplastia. Agora vocês me fazem um favor: vão bancar o pessoal do Vasco que está chegando no Santos Dumont. Não é preciso dizer muita coisa. Olha: vocês estão chegando de Belo Horizonte e empataram com o Atlético de um a um, tá bom?<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> “Assim falou João Saldanha”, in *O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha*, págs. 24-25.

<sup>36</sup> Saldanha. “Desafio Guanajuato”, *O Globo*, 12/05/1970, in *Vida que segue*, op. cit págs. 173-174.

<sup>37</sup> Ver Saldanha. *Histórias do futebol*.

<sup>38</sup> Idem, pág. 149. Em 1994, nos Estados Unidos, durante a cobertura da Copa do Mundo, eu presenciei situações parecidas. Certa vez, a dois dias da estréia do Brasil na competição, vi um radialista entrevistar um mesmo jogador três vezes. A primeira entrevista começava assim: “Estamos aqui, com Zinho, a dois dias da estréia do Brasil na Copa”. A segunda, feita em seguida, informava: “Vamos agora falar, com Zinho, a um dia da estréia do Brasil na Copa”. A terceira, em tom mais emotivo, começava: “Estamos aqui com Zinho, a poucas horas de o Brasil entrar em campo para a sua estréia na Copa do Mundo”.

Em 1970, Saldanha denunciou o caso de um fabricante de equipamentos esportivos que lhe sugeriu uma comissão “por fora” para ser escolhido como fornecedor da seleção e o de um agente que ofereceu ao supervisor da seleção um valor em dinheiro para conseguir um jogo do Brasil em Campinas<sup>39</sup>.

Os problemas éticos envolvendo o mundo do futebol e o jornalismo esportivo vão ganhar uma outra dimensão a partir dos anos 80, quando crescem os investimentos de marketing esportivo, os negócios de compra e venda de jogadores mobilizam um maior número de agentes e a comercialização de direitos de transmissão de jogos e programas esportivos alcança cifras milionárias. Esta década assinala os primeiros movimentos de adaptação da estrutura do esporte brasileiro ao que ficará conhecido como futebol-empresa.

Nesse período, um outro jornalista, o paulistano Juca Kfourri, vai se destacar na crítica ao “atraso” e aos “desmandos” do futebol brasileiro, em particular de sua cúpula dirigente, instalada em clubes, federações, confederações e governos, mas também na denúncia sistemática aos desvios éticos de seus colegas, jornalistas. Como Saldanha, a militância política na juventude é uma experiência que marca a trajetória de Kfourri. Nascido em 1950, estudava ciências sociais, na USP, no fim dos anos 60, quando se envolveu com a Aliança Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella, uma das organizações clandestinas que se engajaram na luta armada contra o regime militar. Foi motorista de Joaquim Câmara Toledo, o sucessor de Marighella no comando da organização. Em 1970, com o *nihil obstat* de Toledo, trocou a ALN pela Editora Abril, onde iniciou a carreira<sup>40</sup>.

Kfourri, lembra o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, denunciou na década de 90 “a relação simbiótica e perversa estabelecida não mais somente entre jornalistas e dirigentes, mas também entre jornalistas e jogadores de futebol”<sup>41</sup>. O caso mais famoso no período, noticiado pela revista *Placar* e pelo jornal *Folha de S.Paulo*, apontava o envolvimento de jornalistas esportivos da TV Bandeirantes com o agenciamento de jogadores de futebol. Uma série de reportagens mostrou como determinados jogadores ganhavam mais destaque nas transmissões do que outros em função dos interesses comerciais dos jornalistas. O trabalho investigativo resultou na reformulação da equipe esportiva da emissora, em 1997.

---

<sup>39</sup> Saldanha. “Por que eu saí”, *O Globo*, 24 de março de 1970, in *Vida que segue*, op. cit. pág. 133.

<sup>40</sup> Ver C. Alencar. *Juca Kfourri, o militante da notícia*. E também M. Stycer. “Saldanha e seu herdeiro”, in *CartaCapital*, 7 de junho de 2006, pág. 66.

<sup>41</sup> Toledo. *Lógicas no futebol*, op. cit., pág 172.

No início do século XXI, Kfourri liderou a denúncia sobre a incompatibilidade entre a atividade jornalística e a comercialização de produtos comerciais, realizada de forma simultânea por alguns dos principais jornalistas esportivos do país, em programas de televisão. Kfourri foi demitido da RedeTV depois de se recusar a fazer os chamados “anúncios testemunhais” e veicular merchandising no programa “Bola na Rede”. O fato foi tema de uma reportagem de capa da revista *CartaCapital*, em que se perguntava:

É possível praticar jornalismo independente, de qualidade, exercendo simultaneamente a função de garoto-propaganda? É possível entrevistar um cartola retrógrado e ao mesmo tempo tecer loas a uma lâmina de barbear, sem alterar o tom e a entonação da voz? Como noticiar que um determinado empresário foi preso por estelionato se minutos antes o jornalista deu um testemunho, no ar, a respeito das qualidades dos produtos da empresa que pertence ao acusado? Dá para acreditar nas informações de jornalistas que elogiam sapatos, latas de tintas, planos de saúde e palhas de aço com a mesma desenvoltura com que comentam os lances polêmicos da rodada?<sup>42</sup>

Em seu depoimento à revista Kfourri chamava a atenção para um aspecto central do problema, do ponto de vista de um jornalista:

A confusão entre jornalismo e publicidade faz um mal desgraçado ao jornalismo. Sou jornalista, sou repórter, não sou garoto-propaganda. A única coisa que eu tenho é a minha credibilidade. Se eu passo a dar testemunhos de produtos, por melhores que eles sejam, eu estou vendendo a minha credibilidade. E a minha credibilidade não está à venda. De mais a mais, não quero ter jamais na vida a dúvida de que fui eu que causei o alcoolismo num cidadão, que fui eu que levei um menino a começar com uma cerveja e virar alcoólatra. A gente tem que se corrigir tantas vezes, como jornalista, imagina se você acrescentar a isso ser garoto-propaganda, vender produtos de gente que amanhã você fica sabendo que é um grande sonegador, um grande pilantra, e aí você tem um compromisso com ele porque ele te pagou. E aí, entre ser leal a ele e ser leal ao seu espectador, ouvinte ou leitor, estabelece-se a dúvida.

Além de Kfourri, a incompatibilidade entre as atividades jornalística e publicitária era apontada, na reportagem, por alguns dos nomes de maior prestígio no campo do jornalismo esportivo, como Armando Nogueira, José Trajano, Jorge Kajuru e Tostão. Num sinal da divisão, os jornalistas Milton Neves, Flavio Prado, Chico Lang e Roberto Avalone, todos eles apresentadores de programas esportivos populares na tevê e no rádio, colocaram-se publicamente em defesa da prática.

Um problema ético correlato ao apontado por Kfourri é mencionado por Barbeiro e Rangel no livro que escreveram para futuros e jovens jornalistas esportivos. Diz respeito à repetição de menções a patrocinadores durante as transmissões esportivas, sobretudo no rádio, com o objetivo de auferir vantagens, seja financeiras, seja na forma de presentes, chamados de “jabás” pelos jornalistas:

---

<sup>42</sup> Stycer. “Anúncios x Notícias”. *CartaCapital*, 12 de novembro de 2003, págs. 30-38.

Alguns jornalistas fazem de tudo pelo merchandising e o que isto pode trazer-lhe de vantagens, como uma hospedagem gratuita em hotel com a família ou um jantar na churrascaria tal, o que acarreta uma seqüência de ‘abraços e alô’s’ a esses estabelecimentos numa transmissão esportiva. A pior coisa para um jornalista esportivo é ser considerado um ‘jabazeiro’. A credibilidade do jornalista nesses casos é quase nula<sup>43</sup>.

Como mostram Mazzoni, Saldanha e Kfourri, entre outros, o jornalismo esportivo constituiu-se ao longo do século XX e início do século XXI como uma atividade sob constante pressão, praticada por profissionais mal remunerados e despreparados, com pouco prestígio interno em suas publicações e, freqüentemente, acusados de práticas pouco éticas, do sensacionalismo ao suborno, passando por invenção de notícias e manutenção de relações promíscuas com jogadores. Não ignoro que em outras especialidades do jornalismo os profissionais enfrentam problemas e acusações éticas tão ou mais graves. Mas espero, com esse esboço de retrato, ter mostrado qual era o caldo de cultura específico da especialidade e os problemas que pairavam sobre ela no momento em que um grupo de cerca de 60 jornalistas se reuniu para fundar um novo diário esportivo, no segundo semestre de 1997, e como esta problemática permanece atual em 2007, dez anos depois.

### Referências bibliográficas

ALENCAR, Carlos: *Juca Kfourri, o militante da notícia*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

BARBEIRO, Heródoto & RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*, São Paulo, Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”, in *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_ “Programa para uma sociologia do esporte”, in *Coisas ditas*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_ *Sobre a televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *Pontapé inicial, memória do futebol brasileiro*, Ibrasa, 1990.

CARVALHO, José Eduardo. “O discurso esportivo”, in *Formação & informação esportiva*, de Sergio Vilas Boas (org.), São Paulo, Summus Editorial, 2005.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*, São Paulo, Contexto, 2003.

---

<sup>43</sup> Barbeiro & Rangel. *Manual do jornalismo esportivo*, op. cit. págs. 115-116. Uma outra recomendação dos autores aos colegas jornalistas: “Nunca peça camisa de clube para jogar, mesmo quando for para levar para seu filho, que faz aniversário naquele dia. Elas são vendidas, compre-as.”





FONSECA, Ouhydes. *O “cartola” e o jornalista: Influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 1981.

FONTENELLE, André, & STORTI, Valmir. *A História do Campeonato Paulista*, São Paulo, Publifolha, 1997.

MARQUES, José Carlos. *O estigma de ser jornalista esportivo*. Comunicação apresentada ao XXVI Congresso Brasileiro da Intercom, Belo Horizonte, 2003.

MAXIMO, João. *João Saldanha: Sobre nuvens de fantasia*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2005.

MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, São Paulo, A Gazeta, 1939.

\_\_\_\_\_ *História do futebol no Brasil*, Edições Leia, 1950.

\_\_\_\_\_ *O Brasil na Taça do Mundo*, São Paulo, A Gazeta, nova edição, 1950.

MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue. João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

NEIVA, Adriano. “Escrevendo uma história”, em *60 anos de futebol no Brasil*, FPF, São Paulo, 1954, apud PEDROSA, Milton, “A crônica esportiva e o cronista de futebol”, em *O olho na bola*, Rio de Janeiro, Gol, 1968.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*, Edições Loyola, São Paulo, 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – Uma história social do Rio de Janeiro, 1902-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950”, in *Estudos Históricos, Mídia, n. 31, 2003/1, CPDOC/FGV*.

ROWE, David. *Sport, culture and the media*, Berkshire, Open University Press, 2004.

SALDANHA, João. *Histórias do futebol*, Rio de Janeiro, Revan, 1994.

\_\_\_\_\_ *O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha*, São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: A influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, São Paulo, Summus, 1990

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Mauad, 4ª edição, 1999.

STYCER, Mauricio. “Anúncios x Notícias”, *CartaCapital*, novembro de 2003

\_\_\_\_\_ “Saldanha e seu herdeiro”, *CartaCapital*, 7 de junho de 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*, São Paulo, Hucitec, 2002.